

1. FISIOTERAPEUTA, MESTRE EM BIOENERGIA/FTC, DOCENTE DA UNISBA E DA FTC.

<http://lattes.cnpq.br/3175301853053347>.

2. DOUTORA E MESTRE EM EDUCAÇÃO/UFBA, DOCENTE DA UEMS E DA UNIJORGE

<http://lattes.cnpq.br/8320260075890013>

Recebido: agosto de 2019

Aprovado: dezembro de 2019

# Condições de vida das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar de Amélia Rodrigues, Bahia

LIVING CONDITIONS OF WOMEN CUTTING SUGARCANE FROM AMÉLIA RODRIGUES, BAHIA

*Priscila Correia da Silva Ferraz<sup>1</sup>*  
*Tatiane de Lucena Lima<sup>2</sup>*

## RESUMO

Esse estudo tem como objetivo principal analisar a percepção das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar do Município de Amélia Rodrigues, Bahia, no que se refere às suas condições de vida. A metodologia aplicada nesta pesquisa é qualitativa, com a abordagem de história de vida, através de uma entrevista semiestruturada, com 10 mulheres. Os resultados deste estudo demonstraram que todas as mulheres que compuseram essa investigação são negras, pobres; residem em moradias, muitas vezes, sem saneamento básico e água encanada, possuem padrão nutricional que não atende às necessidades orgânicas individuais, recebem atendimento médico meramente curativo, através do sistema público de saúde, não possuem qualquer possibilidade de lazer e possuem baixo grau de escolaridade e alta taxa de natalidade. Além disso, pode-se perceber que o ciclo do empoderamento das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar de Amélia Rodrigues, Bahia, consegue ser alcançado, porque atinge as três dimensões (individual, familiar e comunitária).

**Palavras-chave:** Mulheres. Cana-de-açúcar. Qualidade de vida. Gênero.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the perception of women slicers of sugarcane in the municipality of Amélia Rodrigues, Bahia, with regard to their living conditions. The methodology used in this research is qualitative, with the approach of living history through a semi-structured interviews with 10 women. The results showed that all women who composed this research are black, poor; live in houses, often without basic sanitation and running water, have nutritional standard that does not meet the individual organic needs, receive merely curative medical care through the public health system, have no possibility of leisure and have a low level of

education and high birth rate. Moreover, one can realize that the cycle of empowerment of women slicers sugarcane Amelia Rodriguez, Bahia, can be achieved, because it affects the three dimensions (individual, family and community).

**Key words:** Women. Sugar cane. Qualityoflife. Genre.

---

---

## INTRODUÇÃO

A demanda energética mundial é proporcional ao aumento da população e ao crescimento econômico. Os combustíveis fósseis se constituem como a principal fonte energética atual, com toda a sua estruturação montada e amortizada, porém, há previsão de escassez desta fonte finita, bem como, os problemas causados ao meio ambiente evidenciam a urgência em encontrar alternativas energéticas que permitam atender a demanda crescente (COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO, 2015).

O Brasil é destaque mundial no uso de energias renováveis, que representam mais de 45% da matriz energética do país. O setor sucroenergético possui papel-chave nesta participação, uma vez que somente os produtos da cana-de-açúcar são responsáveis por 17,8% de toda a oferta primária de energia no país. Esta participação já ultrapassa o fornecido pelas usinas hidrelétricas (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2012).

Considerando a produção integrada, do cultivo da cana-de-açúcar à fabricação

de açúcar e etanol, o setor sucroenergético foi responsável por 1,12 milhão de empregos formais em 2011. Isso significa que o setor sucroalcooleiro foi responsável por 1,93% de toda a força de trabalho formalmente contabilizada no país, ou que 1 em cada 50 trabalhadores formais são empregados por este setor. Tendo em vista que para cada emprego direto são gerados dois indiretos, estima-se haver 4,29 milhões de pessoas trabalhando na cadeia da cana-de-açúcar. Mais da metade (55%) dos trabalhadores no cultivo da cana é analfabeta ou tem baixa escolaridade (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA, 2012; SOUZA; MACEDO, 2010).

Scott (1991) conclui que gênero é uma percepção sobre as diferenças sexuais, hierarquizando essas diferenças dentro de uma maneira de pensar engessada e dual. Scott não nega que existem diferenças entre os corpos sexuados. O que interessa a ela são as formas como se constroem significados culturais para essas diferenças, dando sentido para essas e, conseqüentemente, posicionando-as dentro de relações hierárquicas. O gênero dá

significado às distinções entre os sexos, ele transforma seres biologicamente machos e fêmeas em homens e mulheres, seres sociais.

Há indícios de que no século XVIII a mulher já contribuía, através do seu trabalho, para o incremento do produto da economia rural, embora houvesse uma nítida divisão de tarefas entre os sexos. A Primeira e Segunda Guerras Mundiais forçaram as mulheres a assumirem definitivamente a posição do homem no mercado de trabalho, tanto no trato com a terra quanto na indústria, uma vez que os homens seguiam rumo ao conflito e muitos deles nem voltavam (COLEMAN, 1997). No Brasil, a participação da mulher no mercado de trabalho intensificou-se a partir da década de 1970, como consequência da expansão da economia nacional e o intenso processo de industrialização e urbanização (HOFFMAN; LEONE, 2004).

Nos últimos anos, acompanhando a mesma trajetória de outros países desenvolvidos e em desenvolvimento, observa-se uma tendência de aumento na taxa de ocupação da mulher no mercado de trabalho em setores genuinamente masculinos, embora ainda revestidos de um caráter volúvel e de menor remuneração. Suas atividades vão desde cargos de liderança em grandes empresas e na esfera pública até ofícios caracterizados pela insalubridade e pela necessidade de

força física, como no corte manual da cana-de-açúcar (CAUMO et al., 2012).

A abordagem socioeconômica tem os indicadores sociais como principal elemento abordando o compromisso da sociedade em assegurar às pessoas, estruturas sociais mínimas que lhes permitam perseguir sua felicidade. Como não há um consenso sobre a definição de qualidade de vida, a Organização Mundial de Saúde – OMS, em 1995, reuniu especialistas de várias partes do mundo, que definiram qualidade de vida como a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações. É um conceito amplo que abrange a complexidade do construto e inter-relaciona o meio ambiente com aspectos físicos, psicológicos, nível de independência, relações sociais e crenças pessoais, imersa no contexto cultural, social e de meio ambiente (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2003).

Esta pesquisa aponta para a percepção dos riscos que essas mulheres correm ao exercer uma jornada de total devoção física, provocando alterações significativas na saúde, embora estas sejam naturalizadas pela ideia de ser algo inerente à arte de seu ofício, implicando em sua qualidade de vida, seja familiar, afetiva ou social. Esse estudo tem como objetivo principal analisar a percepção das

mulheres cortadoras de cana-de-açúcar do Município de Amélia Rodrigues – Bahia, no que se refere às suas condições de vida. Outro objetivo também foi delineado, como contextualizar a vida social e familiar das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar.

## **ABORDAGEM METODOLÓGICA**

O universo da pesquisa foram mulheres cortadoras de cana-de-açúcar da região de Amélia Rodrigues, Bahia; associadas ao Sindicato dos trabalhadores rurais da região, que tinham experiência laboral com a cana-de-açúcar por mais de 3 anos, e que aceitaram participar do estudo assinando o Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Por ser uma pesquisa com recorte de análise em gênero, foram excluídos os trabalhadores do sexo masculino. E, com o objetivo de retratar contextos sociais diferentes, foram entrevistadas mulheres selecionadas por meio da técnica de amostragem probabilística aleatória simples, através de um banco de dados disponibilizado pelo Sindicato da região.

A categoria gênero como principal fonte de análise neste trabalho, pode ser compreendida, segundo Scott (1991) como domínios – tanto estruturais quanto ideológicos – que implicam em relações entre os sexos. A autora não adere a certa visão funcionalista baseada, em última

análise, sobre a biologia, mas, considera que as relações entre os sexos são, sobretudo, sociais.

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, já que busca estreitar a relação pesquisador/grupo pesquisado, do tipo exploratória, e com características transversais na categoria gênero, no intuito de proporcionar uma maior familiaridade acerca do tema, já que esse tipo de pesquisa é realizada especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil formular hipóteses precisas e operacionalizáveis. O produto final deste processo é um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos sistematizados (GIL, 1999).

Foi realizado o estudo de campo, na busca do aprofundamento da realidade das mulheres cortadoras de cana; bibliográfico, apesar de existirem poucas referências sobre o assunto pesquisado; e documental, ao levantar as legislações sobre o tema, exemplo, a Norma Regulatória (NR31) que dispõe sobre o trabalho agrícola e na canavicultura.

Neste estudo, a história de vida é entendida como uma estratégia de pesquisa que integra a abordagem biográfica. Trata-se de um registro escrito, com base em narrativas pessoais, coletado por meio de entrevistas. O que diferencia este método é a contextualização pessoal, histórica, social, institucional e/ou política de narrativas, revelando ações e emoções, bem como interações entre pessoas e

eventos, procurando desvendar essas forças que moldam, distorcem e alteram experiências vividas (CLOSS; OLIVEIRA, 2015).

As histórias de vida permitem compreender as experiências biográficas em sua relação com a sociedade, a cultura e a instituições criadoras de significados de modo mais amplo. A força das histórias de vida e das narrativas encontra-se “{...} na dialética entre as experiências únicas dos indivíduos e as limitações das amplas estruturas sociais, políticas e econômicas” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p.524). Vislumbra-se a possibilidade da abordagem de história de vida auxiliar na compreensão de aspectos objetivos – como dados do contexto econômico, político, histórico e social – e subjetivos, a exemplo de papel do espaço, do tempo e das emoções, resultando em construções sociais e de sentido, inerentes a indivíduos e coletividades situados em contextos organizacionais específicos. Assim, o acesso às diversas dimensões da vida humana permitidos por esta estratégia metodológica pode enriquecer investigações sobre o tema e ampliando a sua compreensão.

Como instrumento de coleta de dados, foi elaborada pela autora, uma entrevista semiestruturada com ênfase no cotidiano de vida dessas mulheres. Gil (1999, p.120) explica que o “[...] entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas quando

este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. Percebe-se que nesta técnica, o pesquisador não pode se utilizar de outros entrevistadores para realizar a entrevista mesmo porque, faz-se necessário um bom conhecimento do assunto. Foram abordadas questões que expuseram o perfil socioeconômico e demográfico, pontos de vista relacionados à vida, desafios e dificuldades, relacionando-os com a categoria gênero das trabalhadoras envolvidas no corte de cana-de-açúcar.

O estudo piloto foi realizado no mês de novembro de 2015 para calibração dos métodos e instrumentos de avaliação, com 2 mulheres cortadoras de cana-de-açúcar na residência das mesmas, sendo necessárias modificações nos instrumentos, para maior clareza na elaboração de uma pergunta. Os dados do piloto não foram incorporados à amostra final, em função de ajustes feitos no formulário de pesquisa.

A aplicação da entrevista ocorreu no período do final da safra da cana-de-açúcar em Amélia Rodrigues - Bahia, em fevereiro de 2016, no domicílio das participantes, por se tratar de um ambiente em que as mesmas já estão familiarizadas e sentiam-se à vontade para transmitir toda sua percepção quanto as suas condições de vida. Todas as entrevistas foram gravadas, na íntegra, e transcritas para análise, sendo que os dados obtidos foram classificados e divididos, de acordo com o objetivo da investigação.

A amostra do estudo foi estabelecida em função dos critérios de saturação, em concordância com Fontanella, Ricas e Turato (2008). Conforme esses autores, o fechamento amostral por saturação teórica é operacionalmente definido como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, uma certa redundância ou repetição, não sendo relevante persistir na coleta de dados.

Para interpretação das narrativas, utilizo os pressupostos da análise do discurso para imprimir valor e sentido ao conteúdo apreendido. Afinal, Orlandi (2005, p. 15-16) salienta que:

[...] a análise do discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens [e mulheres] falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade [...].

Esta se constitui o ponto de partida para proceder a análise das narrativas coletadas mediante entrevistas, conferindo significado conforme expressividade do contexto, uma vez que seus autores deixam “rastros” na condução do discurso. Sobre isto, Orlandi (2005) alerta para investir na percepção do modo com que o texto analisado foi construído, sua estruturação e

são necessárias diferentes leituras, buscando analisar e interpretar os vestígios inerentes. No tratamento dos discursos cumpre observar, porém, os campos ideológicos que o influenciam, apreendendo a historicidade do texto.

Esta perspectiva, fundamentada na análise do discurso francesa, cujas referências principais são Pêcheux (análise de discurso) e Bakhtin (linguagem), é útil para a interpretação das representações sobre as condições de vida e gênero da mulher canavieira que compõem os dizeres dos sujeitos através da linguagem. Deste modo, a análise do discurso tem a intenção de analisar em que perspectivas a relação social de poder no plano discursivo se constrói, tomando as narrativas como dispositivo cultural e histórico, de caráter processual, intersubjetivo e construtivo.

Foram respeitados os aspectos éticos, seguindo a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), por se tratar de pesquisa com seres humanos, tendo submetido o projeto ao Comitê de Ética da Faculdade de Tecnologia e Ciências da cidade de Salvador – Ba, com parecer de número 1.409.143, aprovado em 15 de fevereiro de 2016.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A população participante desse estudo foi composta por 10 mulheres cortadoras de cana-de-açúcar, residentes no município de Amélia Rodrigues –

Bahia. O número de mulheres que trabalham no corte da cana-de-açúcar nessa região é pequeno, uma vez que, para a realização da atividade é necessário força física e resistência. Esta situação foi encontrada em todos os estudos realizados com cortadores de cana em Goiás, Minas Gerais e São Paulo, onde indivíduos jovens, em idade produtiva e do sexo masculino, constituem a maior porcentagem dentre os trabalhadores em atividade (TEIXEIRA; FREITAS, 2003; RIBEIRO; FICARELLI, 2010; MACIEL et al., 2011). A dominação masculina é fator de prevalência da produtividade do capital. A mulher foi praticamente banida do corte da cana-de-açúcar, porém ela consegue se perpetuar apesar de ser minoria (SILVA, 2007).

Nessa pesquisa, podemos depreender que o estereótipo atribuído ao

Buscando traçar um perfil geral da população investigada, os dados foram agrupados na tabela abaixo para caracterizar as condições sócio-demográficas das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar de Amélia Rodrigues, Bahia, uma vez que serão melhor descritos no decorrer do texto.

**Tabela 1: Características sócio demográficas das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar de Amélia Rodrigues – BA, 2016**

CORTADORA							
DE CANA-DE- AÇÚCAR	RAÇA	IDADE (anos)	ESCOLARIDADE	ESTADO CIVIL	Nº DE FILHOS	RELIGIÃO	
1	Negra	36	Primário incomp.	União consensual	1	Católica	
2	Negra	53	Primário incomp.	União consensual	14	Católica	
3	Negra	40	Primário incomp.	União consensual	6	Católica	
4	Negra	40	Primário incomp.	Solteira	0	Evangélica	

masculino, relativo à força física e ao trabalho físico exaustivo, contraria o trabalho das mulheres pesquisadas na lavoura de cana-de-açúcar, que tem como motriz fundante a força física para o desenvolvimento do trabalho. Nos dados encontrados nessa pesquisa, os outros papéis associados ao feminino, ainda nos dias atuais, perduram e se cristalizam: o da mulher como dona do lar; mãe e esposa, assumindo maior responsabilidade nesses papéis em relação aos homens. Apesar das mulheres exercerem o trabalho visto como masculino em nossa sociedade machista, a desvalorização do trabalho feminino na lavoura é evidente, como será evidenciado ao longo da seção, através das narrativas das entrevistadas e dos estudos apresentados na revisão de literatura.

5	Negra	29	Primário incomp.	União consensual	3	Católica
6	Negra	35	2º grau completo	Separada	0	Católica
7	Negra	40	Analfabeta	Solteira	2	Católica
8	Negra	60	Analfabeta	Separada	12	Evangélica
9	Negra	76	Analfabeta	Viúva	5	Não praticante
10	Negra	70	Primário incomp.	Viúva	18	Evangélica

Fonte: Elaborada pela própria autora, 2016

Conforme a tabela 1, a faixa etária da população do estudo variou entre 29 a 76 anos, com uma média de idade de 47,9 anos, possuindo um núcleo familiar concentradamente grande, na faixa de nenhum a 18 filhos. O presente estudo evidencia que a maior parte das entrevistadas possuem menos de 40 anos (60%), assim como a análise do mercado de trabalho da agroindústria canavieira feita por Moraes (2007) identificou a faixa etária de 220.517 empregados agrícolas, e observou que a maior proporção (28,4%) tinha entre 30 a 39 anos, seguida de trabalhadores com 18 a 24 anos (25,3%) e 25 a 29 anos (19,3%). Portanto, a maioria dos cortadores de cana se encontravam em idade produtiva, isso se justifica devido à exigência de força física e resistência para exercer essa profissão.

O estudo de Caumo et al.(2012), relata que a inserção das mulheres no corte da cana-de-açúcar ocorre em idade mais avançada do que a dos homens, porém, elas permanecem atuando na atividade até uma faixa etária mais avançada comparado à eles. No modo de vida agrícola, em contraste com a sociedade urbana, mais

filhos, de preferência do sexo masculino, representam mais força de trabalho nas roças, passando a ser um costume entre essas mulheres a alta taxa de natalidade, como evidenciado nas narrativas a seguir:

*Oxe (\*sic), tive 14 (filhos). Morreu um, com uns 9 anos de idade, de convulsão. Agora só dois moram comigo, os dois caçulas(E2).*

*Tive 18, mas agora vivo só tenho 8, e os outros morreram criança, não tenho filho que morreu adulto não. O mais velho tem 52 anos e o mais novo tem 36 anos (E10).*

*(\*sic.). Devido ao grau de escolaridade das entrevistadas, os discursos serão descritos sem o sic, sendo permitido pelas normas da ABNT, por se tratar de uma citação direta, indicando que tudo o que ali está foi transcrito exatamente como o original, sendo desnecessária a utilização do termo sic para mostrar algum eventual erro.*

O fato que dentre os muitos filhos nascidos de uma mesma mãe, nesse regime, um número significativo não sobreviverá, bem como a própria incidência alta de mortalidade feminina associada ao parto, são minimizados como fenômenos naturais, mas caracteriza-se principalmente pela falta de saneamento básico preponderante na região rural.

Acrescente-se ainda a essas informações a intensificação da atuação da

medicina preventiva através de medidas compulsórias de vacinação da população, principalmente nos grupos de menores de um ano, além dos programas de saúde e atendimento pré-natal, e da expansão da rede de água (inclusive na zona rural) e de esgoto, colaborando para a diminuição substancial da mortalidade infantil. Caso não fossem tomadas essas providências, a mortalidade geral, e em especial a infantil, seria muito superior em função da situação de carência crônica que vive a população de baixa renda.

Quanto ao estado civil, 2 (20%) eram solteiras, 2 (20%) viúvas, 2 (20%) separadas e 4 (40%) não eram casadas oficialmente, mas moravam com um cônjuge. Duarte (2010) afirma que os indivíduos casados apresentam perfil associado a trabalhadores que são mais assíduos e dedicados, além de se destacarem na intensificação da jornada de trabalho, que constitui a principal fonte de sustento da família, tendo menor propensão ao uso de drogas e álcool, sendo esses os preferidos pelos contratantes. Apesar de que, nesse estudo, a maior parte das cortadoras não possuíam um companheiro, sendo a maioria delas separadas ou viúvas, como descrito a seguir:

*Solteira. Moro, mas é a mesma coisa de não morar. Eu sozinha para tudo com meus filhos (três), eu que assumo meus filhos, cada um tem um pai e nenhum não dá nada. E*

*eu com ele não tenho filho (E5).*

*Separada. Tinha um marido, mas acabou a 4 meses porque ele foi trabalhar em São Paulo, arranjou outra família e me deixou. Nós era casado por 9 anos (E6).*

*Viúva. Ele morreu de trabalho mesmo, pegou uma pneumonia, depois uma tuberculose danada porque trabalhava no campo de cana, e foi muita chuva que ele pegou. Morreu e nada a usina me deu, nada tive para criar meus 18 filhos (E10).*

Sob a análise de gênero, esse estudo sugere uma reflexão sobre a transitoriedade do papel identitário da mulher na sociedade contemporânea e das posições centrais assumidas nas esferas econômica, cultural, familiar e social. Com sua inserção no mercado de trabalho, a mulher conquista, também, novos espaços na sociedade, sendo levada a assumir múltiplos papéis. Hoje a mulher se encontra com uma ampliação de ideais, novos interesses e necessidades, além de seu compromisso profissional, ela ocupa ainda um espaço amplo no âmbito doméstico, não podendo se desvincular dele tão facilmente, por se tratar de uma questão cultural.

No decorrer do tempo, a visão de família patriarcal deixou de ser a única opção de arranjo familiar existente e então, famílias com mulheres chefes sem cônjuge têm se tornado cada vez mais frequentes. É inegável a mudança do comportamento

feminino ao longo dos anos, que teve como principal causa o movimento feminista. O movimento trouxe consequências sociais em diversos aspectos, em especial na área da família e nos papéis atribuídos a homens e mulheres (CÚNICO; ARPINI, 2014).

No século XX, o Brasil passou por diversas mudanças sociais, culturais e demográficas que resultou no aumento do número de mulheres no mercado de trabalho, dentre elas podemos citar: diminuição da taxa de fecundidade, maior expectativa de vida da população, aumento do número de casas que passam a ser chefiadas por mulheres (que já vinha crescendo desde 1980), entre outros (BRUSCHINI, 2007).

100% das entrevistadas eram da raça negra, sendo que 80% eram procedentes de Amélia Rodrigues, e 20% de outras localidades (São Felipe e Barreiras – BA). Amélia Rodrigues localiza-se as margens da BR-324, situada aproximadamente a 80 km da capital, Salvador, em termos biogeográficos situa-se numa faixa denominada agreste, transição entre a zona da mata e o sertão, onde, também podem ser encontrados solos férteis, sendo esses uns dos motivos para instalação da produção de cana-de-açúcar, já que o mesmo depende dessas condições para ter êxito na qualidade do produto.

A usina UNIAL tem sua área agrícola em três municípios do Estado da

Bahia: Amélia Rodrigues, São Sebastião do Passé e Terra Nova, localizados no recôncavo baiano, com o objetivo da venda do produto da cana, totalizando 46 fazendas nesses três municípios para a produção de cana-de-açúcar, sendo que em termos de área, as fazendas que concentram os maiores números de terras estão localizadas em Amélia Rodrigues. Além dessa atividade, outras estão inseridas nesse espaço, atualmente, contribuindo para o desenvolvimento econômico desse lugar, como o comércio, agropecuária, extrativismo vegetal, caça e pesca, indústria de transformação e administração pública, segundo os dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) em 2014.

Para Filho (1946, p. 118-119),

Foi no Recôncavo onde se concentrou a grande massa de escravos africanos, pelas plantações de fumo e de cana, alegrando-as com as suas cantigas e fecundando-as com o seu suor, espalharam-se os negros. A sociedade branca reservara para si a função de mandar. Cruzava os braços, assistindo à labuta áspera do negro. O trabalho era o negro.

O Recôncavo parou no tempo. Para o bem e para o mal. Se por um lado estão preservadas as casas históricas, por outro a metodologia de trabalho é similar ao período em que milhares de negros eram trazidos da África para trabalhos forçados nas terras da nova colônia portuguesa. Muitos dos cortadores de cana são

descendentes de escravos. Na região há muitas comunidades quilombolas – escravos que fugiram do engenho da cana-de-açúcar. Hoje, ainda é a primeira opção de trabalho para muitos deles, e as oportunidades de trabalho que encontram continuam sendo as mesmas daquele tempo (BIBLIOTECA NACIONAL, 2013).

Quanto à ocupação dos genitores destas, todas as entrevistadas referiram que ambos também trabalharam com a cana; como visto nos trechos a seguir:

*Trabalhavam nisso também, com a cana. Mainha teve 7 filhos, cuidou de todo mundo e ainda ia para a cana (E2).*

*Meu pai trabalhou muito tempo na usina avulso, era feitor, e minha mãe trabalhava na cana, cortando, catando, limpando, adubando. Meu pai se aposentou porque ficou inválido e minha mãe se aposentou agora a pouco tempo, com 60 anos, trabalhou um bocado (E6).*

*Minha mãe se acabou limpando cana, o mesmo que eu. Meu pai, Deus que me desculpa a palavra, ele só vinha enxertar minha mãe. Risos. Quando ele via que minha mãe tava buchuda, ele ia-se embora. Quando ele via que tava boa a hora dele, ele vinha (E9).*

Observa-se, portanto, a influência dos pais nas condições de trabalho dos filhos, em 1970, fazendo com que seus descendentes os acompanhassem na labuta, não restando aos mesmos outra opção. Atualmente, no caso dos filhos de

trabalhadores agrícolas em geral, 43,2% seguem na agricultura; no dos filhos dos trabalhadores da cana, o percentual cai para 29,3%, indicando uma maior mobilidade para outros setores (MORAES, 2015).

Outra informação levantada junto às canavieiras foi se algum(ns) de seus filhos trabalhavam ou chegaram a trabalhar no corte de cana, bem como os depoimentos das próprias cortadoras sobre a expectativa do futuro profissional dos mesmos. A atividade do corte da cana em si é pouco desempenhada entre a prole dos canavieiros como uma maneira de subsistência; foi recorrente a opinião entre as próprias cortadoras de que aquela atividade não servia para seus filhos. Algumas delas remeteram à esperança de que os mesmos, ao menos consigam uma oportunidade de trabalho que não a de cortador de cana, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

*A gente trabaivava na roça com nossa mãe quando tava menina, de enxada, tinha vez que ele ia para o trabaio e a gente ia mais ela, ela levava todos nós apartir de 8 a 9 anos, ajudava a semear a cana, pois ai ganhava mais dinheiro. Meus fios mesmo trabaivavam mais eu quando tavam pequenos, e o dinheiro eu deixava para comprar as coisas deles, roupas e sapato. Eu dizia quanto custava, eles sabiam tudo, para saberem tudo. O que meu pai fez comigo eu não fiz com eles não. Hoje todo mundo tem sua família, eu tenho 2 que trabaiam por conta própria, trabaiam para eles, mas*

*nenhum quis ficar na cana não. Tem um que é empregado, formado, me ajuda também, formou em administração, todo mês ele tá aqui (E10).*

*Meu pai trabalhou com cana, era cabo de turma, comandava os povo, e minha mãe também trabalhou com cana. Eu trabaiei com cana também. Os netos e os filhos que pularam fora. Eu disse a eles que botei eles para estudar para trabalhar, para me ajudar. Nenhum trabaia com cana não, graças a Deus. Não que eu seja contra a cana, porque ai de mim se não fosse a cana, foi ela que ajudou eu e meu marido a educar meus filhos (E9).*

Essa realidade também promove efeitos decisivos sobre a educação dos filhos, e isso cresce como efeito cascata na sociedade. Barroso (2004, p. 557) relata que estudos comparativos incluindo África, Ásia e América Latina, realizados nos últimos 25 anos, têm revelado o mesmo padrão: “[...] o nível educacional da mãe é um determinante forte e consistente da matrícula e desempenho dos filhos na escola”. A autora afirma que, estudos realizados no Peru e México revelam que as mães com pelo menos um nível básico de educação tem probabilidade muito maior de educar os filhos – e especialmente as filhas –, independentemente da influência de outros fatores (BARROSO, 2004).

Em referência ao grau de escolaridade, 1 mulher possuía 2º grau completo (10%), 6 possuíam 1º grau

incompleto (60%) e 3 não tinham frequentado a escola (30%), apesar de 90% delas não saber ler e escrever. São mulheres de classe social baixa, sem acesso à educação formal principalmente pela necessidade de ingresso ao trabalho desde a infância. Há consenso na literatura que o corte da cana-de-açúcar constitui importante fonte de emprego para uma grande fração da população com baixo nível de instrução (ROCHA; MARZIALE; ROBAZZI, 2007; DUARTE, 2010; MACIEL, 2011). Corroborando com os dados, o estudo de Caumo et al. (2012) mostrou que se trata de uma mão de obra de baixa escolaridade e que as mulheres possuem ainda menos anos de estudos do que os homens. No grupo feminino, a média foi de 5,45 anos de estudos, enquanto que no grupo masculino a média foi de 7,05 anos de estudos.

Na década de 1990, o relatório da Conferência Mundial Educação para Todos, realizada na Tailândia, definiu a educação como um direito fundamental de todos, mulheres e homens, de todas as idades, no mundo inteiro, podendo contribuir para conquistar um mundo mais seguro, mais sadio e ambientalmente mais puro, que, ao mesmo tempo, favoreça o progresso cultural e a tolerância. Tal documento enfatiza a universalização da educação, contudo, evidencia que as meninas representam 60% da população que não tem acesso ao ensino primário; e que as mulheres representam 2/3 da

população analfabeta e/ou analfabeta funcional nos países industrializados. Na pesquisa em questão, isso pode ser caracterizado no relato das entrevistadas:

*Estudei até a segunda série. Parei porque eu tinha que trabalhar, naquele tempo o que a gente queria é o que o pai da gente queria, ele queria que a gente trabalhasse, trazer dinheiro para casa. Não sei ler não, sei escrever pouca coisa, pouquinho mesmo (E9).*

*Risos. Primeira série, porque eu parei, fui trabalhar. A gente começou a trabalhar pequena, com menos de 10 anos. Não sei ler, só garrancho meu nome (E7).*

Ao caracterizar o trabalho infantil no meio rural brasileiro, Kassouf e Santos (2010) definem que os trabalhadores infantis de 5 a 15 anos de idade, a maioria trabalha em atividades agropecuárias. E, ao considerar apenas os pequenos trabalhadores de 5 a 9 anos, a taxa de prevalência do trabalho infantil rural é de aproximadamente 75%. Mesmo numa faixa etária mais elevada, de 10 a 15 anos, mais da metade (52%) dos trabalhadores infantis estão no meio rural. Como a remuneração era paga de acordo com a produção diária, não era difícil ver mulheres e crianças ajudando na colheita, enfrentando o duro trabalho braçal para ajudar no orçamento da família. Essas crianças têm seus direitos ignorados, como o direito à educação, segurança e saúde.

A maioria deles são originários de famílias pobres que mantêm vínculos

precários com a terra devido à baixa valorização dos produtos da roça, à redução da produtividade da terra em função do desmatamento e à própria valorização da terra em função dos novos investimentos em pecuária, soja e cana de açúcar em certas regiões nordestinas. A ruptura ou o reordenamento da relação dessas famílias camponesas com a terra traz imediatas consequências para esses jovens, como a necessidade da evasão escolar.

Os depoimentos das entrevistadas mostraram que no relacionamento com o marido, brigas são frequentes, e que algumas vezes eles foram muito agressivos, como nos discursos abaixo:

*Ele batia em mim, mas também apanhava. Oxe, no dia que ele me deu um tapa, dei duas cacetadas. Brigava muito porque ele não ficava em casa, só vinha chegar com 2, 3 dias. Dizia ele que estava na casa dos parentes, mentira. Ele trabalha, é empreiteiro lá em Alagoas, mas ele trabalhou aqui também de cana (E8).*

*Ele é aposentado, trabalhava assim como a gente, no campo. Brigamos um pouquinho, briga porque não tem o que fazer, sabe que quando a pessoa vai chegando para a idade é juízo de criança, torna a ser criança de novo (E2).*

A violência contra as mulheres era tolerada e, até mesmo, naturalizada no cotidiano das interações em diversas sociedades. No Brasil, apenas no final do século XX, esses fenômenos passaram a ser agendados politicamente como

violação aos direitos humanos (MOURA, 2009). Apesar da evolução social, do acesso à informação, a questão da violência doméstica, até os dias atuais ainda se mostra presa aos costumes de uma sociedade predominantemente machista. A violência acontece por agressões físicas, psíquicas, sexuais, morais e patrimoniais praticadas pelo homem como que anseia dominar, disciplinar e intimidar a mulher.

No Brasil, em agosto de 2006, foi sancionada a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, visando incrementar e destacar o rigor das punições para esse tipo de crime, sendo, novas formas de proteção à mulher em casos de violência doméstica e familiar e de coibição dos atos violentos. A introdução do texto aprovado constitui uma boa síntese da Lei:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências (PROCURADORIA ESPECIAL DA MULHER, 2010, p. 11-12).

Ainda hoje se verifica que a violência exercida no seio familiar continua. Muitas mulheres sentem esta

violência e são maltratadas porque são emocionalmente dependentes de seus agressores, ou não tem trabalho, dinheiro, e nem um lugar para ir. Algumas ficam por questões religiosas, ou por ele ser o pai das crianças, outras amam seus companheiros ou sentem que eles não podem viver sem elas. Diante disso, é um verdadeiro milagre que tantas vítimas consigam sair e ficar sem a agressão como parte de suas vidas (FELIZOLA, 2005).

Em 2015, no dia em que se completou nove anos da promulgação da Lei Maria da Penha (lei nº 11.340/2006) na Bahia a situação que mais preocupa é a violência doméstica, responsável por 9,8 assassinatos para cada 100 mil mulheres existentes. Com isso o estado aparece como o segundo mais violento no Brasil, atrás apenas do estádio do Espírito Santo. Conforme os números do Governo Federal, 77% das mulheres em situação de violência sofrem agressões semanal ou diariamente pelos seus companheiros ou parentes (FONSECA, 2015).

O conceito de violência simbólica foi criado pelo pensador francês Pierre Bourdieu para descrever o processo pelo qual a classe que domina economicamente impõe sua cultura aos dominados. Bourdieu, juntamente com o sociólogo Jean-Claude Passeron, partem do princípio de que a cultura, ou o sistema simbólico, é arbitrária, uma vez que não se assenta numa realidade dada como natural. O sistema simbólico de uma determinada

cultura é uma construção social e sua manutenção é fundamental para a perpetuação de uma determinada sociedade, através da interiorização da cultura por todos os membros da mesma. A violência simbólica expressa-se na imposição "legítima" e dissimulada, com a interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações do mundo do trabalho. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima deste processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável (BOURDIEU, 1989).

Ao serem questionadas sobre como dividem os trabalhos em casa com os cônjuges, foi exposto:

*Dive de sim. Faz tudo dentro de casa. É ele quem faz feira, a carne quem trata é ele. Se eu saio para trabalhar ele fica dentro de casa, quando eu volto as coisas já está feita. A menina(filha) de 15 anos ajuda ele também (E2).*

*Ajuda, ele é um bom pai. Mas esse negócio de casa, aí não, isso não é com ele não. Só uma vez no ano, quando eu saio assim que ele vê que o bicho pegou, aí que ele faz alguma coisa. Mas o negócio de ajuda, não (E3).*

No discurso da Entrevistada 2 fica claro que o marido não ajuda, apesar de ela iniciar o discurso com o relato dele ajudar nas tarefas de casa. Conforme Brandão (1986), O interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração constante, no qual uma formação discursiva é conduzida a incorporar elementos pré-construídos,

produzidos no exterior dela própria. Essa formação discursiva é levada, também, a remeter a seus próprios elementos, redefinir-se e produzir seu retorno, a organizar sua repetição. Entretanto, é também impelida a provocar seu eventual apagamento, esquecimento, ou mesmo, sua denegação, e o elemento que irrompe no discurso fica como subentendido, a priori.

A divisão sexual do trabalho constitui um processo histórico-cultural que se origina da estrutura simbólica das relações de poder que atribuem papéis específicos para mulheres e homens no tocante a práticas sociais, construindo estereótipos incorporados no convívio familiar, no decorrer da escolarização e na atuação no mundo do trabalho. Padrões de comportamento específicos para mulheres e homens são incorporados, dessa maneira, através de um processo de socialização de gêneros. De forma que a estrutura das organizações dos espaços de trabalho naturaliza o fato de homens exercerem os cargos ou funções superiores e as mulheres serem subordinadas aos mesmos (FONSECA; SOUZA, 2014)

Toda a sociedade humana conhecida tem uma divisão sexual do trabalho, e uma conseqüente diferenciação dos papéis masculinos e femininos. O trabalho da casa, o cuidado com as crianças e velhos eram historicamente de competência da mulher, e os homens dele participam à distância. Hoje, o trabalho fora do lar é necessário a ambos, restando,

portanto, um sobretrabalho substancial à mulher. Começa a existir na casa uma certa divisão de trabalho. Alguns homens colaboram na arrumação da casa, no preparo dos alimentos, nos cuidados com as crianças, na lavagem de roupa, entre outros afazeres domésticos.

O trabalho doméstico, na sua grande maioria, é desempenhado por elas; raramente tem a colaboração da sogra, da mãe, da irmã, das cunhadas, dos companheiros, dos irmãos, etc. Quando as filhas começam a crescer já recebem alguns encargos. Inicialmente, cuidar dos irmãos menores, arrumar a cozinha. Dividem aos poucos os “encargos” da mãe até irem para a roça ou outro trabalho na cidade ou migrarem. As mulheres, por sua vez, se dedicam aos serviços domésticos e poucas destinam algumas horas na semana para o lazer ou o descanso. A avó materna e as irmãs mais velhas das crianças foram as pessoas referidas pelas cortadoras como as responsáveis pelos cuidados dos filhos pequenos durante o horário de trabalho das mesmas.

*Deixava dentro de casa presos, sozinhos, mas tinha uma maior que tomava conta deles (E10).*

*Minha mãe que fica com eles, mas é ali garrado mesmo, a casa é junto. Ela já acostumou, já, com isso. Risos (E5).*

Com relação à moradia, 40% das mulheres entrevistadas residem em casa própria e 60% em casas disponibilizadas pela própria usina. As condições de

moradia, segundo Rocha (2007), ocorrem em cidades pequenas, nos arredores das lavouras e, todas as moradias se localizavam em bairros afastados do centro, representando construções simples de alvenaria, com sistema de água encanada e esgoto tratado. As casas da usina de Amélia Rodrigues – BA são construídas com as mesmas caracterizações do estudo de Rocha (2007), além também de próximas umas das outras, sem muro separando os espaços familiares, não oferecendo privacidade aos moradores e formando aglomerados populacionais sem as mínimas condições de higiene. Verificou-se também a presença de grande quantidade de lixo acumulado nessas áreas, latões de lixo destampados nas portas das inúmeras casas, com presença de insetos e roupas jogadas pelo terreno, misturadas à sujeira e à terra do chão.

Ao serem questionadas sobre o que faziam nos momentos de folga do trabalho, as entrevistadas foram unânimes em dizer que se ocupavam dos afazeres da casa. O tempo de repouso para mulher passa a ser cada vez mais exíguo, enquanto para o homem permanece quase o mesmo; após uma longa jornada de trabalho o homem chega em casa e aguarda o jantar. Poucos têm colaborado no trabalho doméstico. Nos fins de semana, em geral, o homem vai se encontrar com os amigos, bater uma bola, bater um papo e ficar no bar conversando e bebendo. Enquanto isso, a

mulher trabalha: lava roupa, cozinha, costura, remenda, prega botão, cuida das crianças.

*Botando lenha, arrumando alguma coisa. Passear, não passeio não, não sei dos anos que dancei. Gosto de ficar em casa, cuidando de minha vida (E1).*

*Lavo roupa, limpo a casa. Sair para onde, cansada?(E6).*

*Limpar a roça, fazer as coisas de casa (E10).*

A realidade da mulher negra no Brasil de hoje manifesta um prolongamento da sua realidade vivida no período de escravidão com poucas mudanças.

As mulheres negras africanas desempenharam os mais diferentes papéis, que compreendiam desde tarefas domésticas, até a lida diária nas extensões de terra. No interior das senzalas, [...] as mulheres exerciam as funções de parteiras, benzedoras e provedoras de valores religiosos. Outra forma de exploração encontrada pelos escravocratas era obrigando a se prostituírem [...] A religião era motivo de convivência da sociedade. Festas e manifestações religiosas constituíam uma forma de reunião social. As procissões e os festejos quebravam a monotonia e a rotina da vida diária, sendo muitas vezes um dos poucos momentos de “lazer” e diversão do povo (SHUMAHER; VITAL BRAZIL, 2007, p. 16-45).

É sabido que essa realidade trouxe inúmeras diferenças, estas presenciadas das mais diversas formas, como o não acesso ao lazer. Sem dúvida as pessoas, em

especial a mulher, precisam conhecer diferentes atividades no lazer para irem em busca de atividades prazerosas, fora da rotina dos seus lares. Independente da linha de pensamento, entendimento, definição e conceitualização, o lazer é elemento essencial de qualquer sociedade e cultura, tendo grande importância no processo educativo dos indivíduos que o desfrutam e podem auxiliar em um processo de emancipação e cidadania para as mulheres.

O habitus é, segundo expressão de Bourdieu (1976), uma "inconsciência de classe" que, para as classes menos favorecidas, atua no sentido da inação e reprodução de suas condições de vida, e é compreendido como:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas [...] (BORDIEU, 1983, p. 65).

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria habitus implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. Dessa forma, deve ser visto como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação que é experimentado e posto em prática,

tendo em vista que as conjunturas de um campo o estimulam.

Das mulheres, a maioria (60%) afirmaram ser da religião católica, 30% eram evangélicas e 10% não possuía religião, relatando que era por não saber ler, pois não teria como ler a Bíblia. E, todas relataram ter feito uso de álcool nos momentos de lazer, sendo que 60% delas não bebe mais devido a religião, e 40% ainda faz uso de álcool nos finais de semana. Estudos indicam que a crença pode influenciar muito o estado de saúde dos indivíduos, fazendo-os menos pessimistas e mais cautelosos em relação à saúde. Isso explica porque as mulheres fumam e bebem menos que os homens.

*Jesus me abençoou, larguei o vício que eu tinha, eu bebia muito. Quase que eu me acabava, quase eu morria. Depois que eu entrei na Igreja me consertei, ai até hoje estou aqui na mão dele, porque na casa do Senhor é melhor que estar ai no mundo se acabando (E4).*

Ferreira e colaboradores (2013), ao analisarem a relação do consumo abusivo e a dependência de bebidas alcoólicas com a religião, estimaram uma prevalência significativamente menor entre os evangélicos quando comparados aos católicos. Estes resultados podem ser explicados pela forte influência exercida pelas igrejas evangélicas sobre o comportamento social dos seus membros.

No caso específico da dupla jornada de trabalho, verifica-se que a

mulher, após um longo dia de trabalho na cana, continua sem descanso, tendo de “enfrentar a casa”, isto é, as chamadas “atividades não-produtivas”. Dessa forma, praticar atividades referidas ao lazer ainda é visto como privilégio dos grupos mais abastados. Ao trabalhador caberia somente o descanso para poder estar “novo” no dia seguinte e assim produzir divisas para o capitalista (SANTOS, 2009).

Bourdieu (1987) utiliza o conceito de capital cultural com enorme ambiguidade e abrangência, servindo para indicar todas as maneiras em que a cultura reflete ou atua sobre as condições de vida dos indivíduos.

O mundo social pode ser concebido como um espaço multi-dimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos

de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos (BOURDIEU, 1987, p.4).

No entanto, há de ressaltar duas questões fundamentais: a inserção das mulheres tende a ser mais precarizada e a entrada no mercado de trabalho não faz com que as mulheres se desobriguem dos afazeres domésticos. Conforme Carloto (1998, p. 9), “As mulheres que somam serviço de casa com o trabalho assalariado não conseguem se recuperar da fadiga e do desgaste, e ficam mais sujeitas a dores, doenças e vários tipos de sofrimento físico e mental”, ficando claro na fala das entrevistadas:

*Para quem é acostumado não é pesado não (a dupla jornada de trabalho), mas para quem não é, é pesado, viu! Oxe, a pessoa cortar cana e quando chegar em casa fazer tanta coisa, não é pesado o quê? Eu não, que eu já estou acostumada, né! (E2).*

*É pesado. Bem de cuidar de casa, bem de cuidar de filhos, bem de trabalhar na roça. Porque a mãe chega cansada, para ainda ajeitar a casa, o filho, lavar roupa, ... Se ela achar um marido que tenha condição e não deixar ela trabalhar, é a valência, mas é difícil por aqui isso (E4).*

Essas mudanças englobam a categoria gênero sob a perspectiva de que os sujeitos são constituídos de suas experiências e vivências, que por sua vez são engendradas historicoculturalmente e não dadas pela natureza. Para se construir essa trama se faz necessário conceituar

gênero como categoria analítica; nesse caso, o conceito da autora Joan Scott que define: “gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1991, p.86). Dessa forma, o conceito de gênero encontra-se imbricado nos conceitos de identidade sexual, de papel sexual e no de relações entre os sexos. Scott, ainda, complementa: “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”, ou seja, as relações de poder desenvolvem-se nas relações sociais.

Quando questionadas sobre o que motivou a escolha da atividade laboral foi unânime o relato de que foram levadas pelos genitores, e também de ser a única possibilidade de trabalho na região, baseando-se no senso comum, pois, mesmo a entrevistada que morou na capital, tendo experiência com outra atividade laboral anterior, acredita que o trabalho com a cana é uma boa oportunidade por ter a carteira de trabalho assinada.

*Sei lá! Risos. Eu gosto de trabalhar no campo porque vem embora mais cedo. É só fazer seu trabalho ali, ir para casa, e acabou (E1).*

*Não tinha outro trabalho. Eu com tanto filho para criar! (E10).*

Conforme Ferreira (1999), a expressão *senso comum* significa um conjunto de opiniões e modos de sentir que, por serem impostos pela tradição aos indivíduos de uma determinada época,

local ou grupo social, são geralmente aceitos de modo acrítico como verdades e comportamentos próprios da natureza humana.

Quando abordadas sobre o treinamento prévio para a realização da atividade laboral não houve evidências nas falas das entrevistadas de terem recebido treinamento ofertado pela Usina, sendo os genitores os principais responsáveis pelo ensinamento das práticas laborais.

*Oxe, oxe, oxe. A gente trabalhava na roça com nossa mãe quando tava menina, de enxada. Tinha vez que ela ia para o trabaio e a gente ia mais ela, ela levava todos nós a partir de 8 a 9 anos, ajudava a semear a cana, pois ali ganhava mais dinheiro (E1).*

Sobre o tempo de atividade laboral exercido no corte da cana, 90% das entrevistadas cortaram cana entre 9 a 39 anos do tempo total de sua vida, levando a crer que, a partir da faixa etária predominante das mesmas, de 35 a 76 anos, eles passaram a maior parte de sua vida trabalhando nesta atividade, e a própria pesquisa empírica nos mostra que em sua maioria, os cortadores de cana começaram as atividades ainda muito cedo, quando criança, levado pelos pais ao campo de trabalho para auxiliá-los no corte da cana. Apenas uma entrevistada iniciou o trabalho na lavoura de cana-de-açúcar a pouco tempo, pois migrou para a capital, Salvador-Bahia, com 12 anos de idade para estudar e iniciar sua vida profissional como cuidadora de crianças e empregada

doméstica, retornando a 3 anos, com 26 anos de idade, por saudade da família, não tendo outra opção laboral a não ser a cana, segundo relato da mesma. Sendo essa, também, a única entrevistada que exerceu outra função de trabalho anteriormente à cana-de-açúcar, conforme trecho:

*Trabaiiei em casa de família, cuidava de criança e fazia faxina. Deixei porque era muito chato. Tinha que dormir, era em Salvador, ... ai eu não queria ficar longe de minha família, vim para a cana (E6)*

No estudo de Caumo et al. (2012), antes de iniciar o trabalho com a cana-de-açúcar, as mulheres exerciam tarefas como diarista, empregada doméstica, camareira, garçonete ou eram donas de casa. Todas deixaram suas antigas atividades por vislumbrarem maiores salários no trato com a cana-de-açúcar. De acordo com os entrevistados, caso não estivessem inseridos no corte da cana, provavelmente exerceriam atividades de domésticas em casas de famílias, no caso das mulheres.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho, de forma efetiva, se deu com o avanço do capitalismo industrial, sendo que, é a partir daí que são constituídas, mais definitivamente, a divisão de valores entre o mundo da produção e o mundo doméstico. Dessa forma, ao se incluírem no mercado de trabalho, apesar de ser, ainda, de modo desigual ao homem, pois, continua existindo preconceito e discriminação, as

mulheres têm mais uma forma de direito adquirida.

Para Freitas (2007, p.20):

“[...] embora se verifique uma maior valorização de certas carreiras femininas, as mulheres ainda ocupam maior parte dos postos mais instáveis e de remuneração mais baixa, evidenciando a permanência das igualdades das relações sociais entre os sexos”.

Apesar de suas lutas e conquistas, as mulheres ainda não alcançaram a tão sonhada igualdade. Nota-se, assim, que o caminho percorrido não levou a uma igualdade plena entre os sexos, pois a conciliação do trabalho doméstico com o profissional permanece sendo responsabilidade das mulheres, seja exercendo ou contratando outras mulheres para realizar o primeiro.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo amplia o conhecimento sobre as condições de vida das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar do município de Amélia Rodrigues – Bahia, podendo constatar que a situação atual das trabalhadoras rurais ainda guarda muitas semelhanças com a vivenciada pelos escravos negros do início do século dezenove. Todas as cortadoras são pobres; residem em moradias, muitas vezes, sem saneamento básico e água encanada, possuem padrão nutricional que não atende às necessidades orgânicas individuais, recebem atendimento médico meramente

curativo, através do sistema público de saúde, não possuem qualquer possibilidade de lazer e possuem baixo grau de escolaridade e alta taxa de natalidade.

No entanto, ainda é latente que o fortalecimento da mão-de-obra feminina vem provocando profundas mudanças culturais. Aos poucos o patriarcalismo se enfraquece, a mulher começa a dividir as responsabilidades por prover as necessidades do lar e muitas vezes as assume sozinha. A despeito de que seja um processo lento e embrionário, pode-se dizer que o ciclo do empoderamento das mulheres cortadoras de cana-de-açúcar de Amélia Rodrigues - Bahia consegue ser alcançado, porque atinge as três dimensões (individual, familiar e comunitária), além de suscitar outros questionamentos sobre quais seriam as consequências do empoderamento nas dimensões da pobreza e mobilidade social.

É preciso pôr fim à iniquidade a que ainda são submetidos milhares de trabalhadores brasileiros para a construção de um futuro melhor, onde prevaleçam a dignidade humana, a justiça social e o respeito que se deve ao trabalhador. Assim, após apresentadas as sugestões acima mencionadas, conclui-se que é necessário cobrar uma maior atuação do Governo, tanto com recursos financeiros, humanos, como com políticas que objetivem a erradicação das condições subumanas.

Seria interessante a replicação deste estudo em outras áreas canavieiras, ou

envolvendo outros grupos de sujeitos de pesquisa, como maridos das canavicultoras, ou ainda com o mesmo público-alvo, mas com o suporte de outras teorias como, por exemplo, a teoria do capital social, a teoria das representações sociais ou a teoria feminista.

## REFERÊNCIAS

BARROSO, C. (2006). Metas de desenvolvimento do milênio, educação e igualdade de gênero. Cadernos de pesquisa. v. 34, n. 123, p. 573-582, set./dez.

BIBLIOTECA NACIONAL. (2013). Civilização do açúcar: da colônia ao etanol. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 8, n. 94, p. 17, jul.

BOURDIEU, P. (1979). La distinction. Paris: LesÉditions de Minuit.

\_\_\_\_\_. (1983). Sociologia. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática.

\_\_\_\_\_. (1987). Choses dites. Paris: LesÉditions de Minuit.

\_\_\_\_\_. (1989). La noblesse de l'état. Paris: LesÉditions de Minuit, 1989

BRANDÃO, H. H. N.(1986). Introdução à análise do discurso. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.

BRUSCHINI, C. A.(2007). Trabalho e gênero no brasil nos últimos dez anos. Cadernos pesquisa. 132(37).

CARLOTO, C. M. (1998). A saúde das trabalhadoras. In: Saúde das trabalhadoras. São Paulo: SOF, p.19.

CAUMO, A. J. et al. (2012). Corte manual da cana-de-açúcar sob uma perspectiva de gênero: um estudo de caso no município de Mirandópolis – SP. REDES. Santa Cruz do Sul, v.17, n.1, p.182-202. Jan/abr.

CLOSS, L. Q.; OLIVEIRA, S. R. (2015). História de vida e trajetórias profissionais: Estudo com executivos brasileiros. RAC, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, art. 6, pp. 525-543, Jul./Ago.

COLEMAN, M. S. (1997). Women's Labor Force Participation in Historical Perspective. In: Gender and political economy. Armonk, New York: M.E.Sharpe.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). (2015). Acompanhamento da safra brasileira cana-de-açúcar, v.2 – safra 2015/2016, n.1 – primeiro levantamento. Brasília, p. 1-28, abr.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI). (2012). Bioetanol – o futuro renovável. Fórum Nacional do Sucoenergético. Brasília DF: CNI.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. (2014). Família e monoparentalidade feminina sob a ótica de mulheres chefes de família. Aletheia. n.43-44, Canoas, ago.

DELORY-MOMBERGER, C. (2012). Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Revista Brasileira de Educação, 17(51), 523-740.

DUARTE, E. J. (2010). Transtornos mentais comuns em trabalhadores rurais no corte da cana-de-açúcar. Santa Helena de Goiás / Goiás. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Pró-reitoria de graduação e pesquisa do Mestrado em ciências ambientais e saúde; Novembro.

FELIZOLA, M. M. (2005). Violência doméstica: Um mal contra mulheres. Monografia de pós-graduação em Psicologia jurídica. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro.

FERREIRA, A. B. H. (1999). Dicionário Eletrônico Aurélio

Século XXI. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática.

FERREIRA, L. N. et al. (2013). Prevalência e fatores associados ao consumo abusivo e à dependência de álcool. Ciênc. saúde coletiva. v.18, n.11, Rio de Janeiro, nov.

FILHO, L. V. (1946). O negro na Bahia. São Paulo: José Olympio Editora, p.118-19.

FONSECA, A. (2015). Lei Maria da Penha faz 9 anos; Bahia é 2º em violência contra as mulheres. Tribuna da Bahia, Salvador, 07 Agosto, Bahia Segurança.

FONTANELLA, B. J. B.; RICAS, J.; TURATO, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: Contribuições teóricas. Caderno de saúde pública. Rio de Janeiro, v.24, n.1, p. 17-27, Jan.

FREITAS, T. V. (2007). O cenário atual da divisão sexual do trabalho. São Paulo: SOF.

GIL, A. C. (1999). Métodos e técnicas de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas.

GOLDENBERG, M. (2004). A arte de pesquisar: Como fazer pesquisas qualitativas em ciências sociais. 8. ed. São Paulo: Record.

HOFFMANN, R.; LEONE, E. T. (2004). Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. Nova Economia, Belo Horizonte, v.14, n.2, p.35-58.

KASSOUF, A. L.; SANTOS, M. J. (2010). Trabalho infantil no meio rural brasileiro: evidências sobre o “paradoxo da riqueza”. Economia aplicada. 14 (3): 339-53.

MACIEL, M. R. A. et al.(2011). Caracterização socioeconômica do trabalhador temporário da indústria canavieira em Lagoa da prata, Minas Gerais, Brasil. *Revista Sociedade & Natureza*. Uberlândia, 23(2): 335-43, Mai./Ago.

MORAES, M. A. F. D. (2007). O mercado de trabalho da agroindústria canavieira: desafios e oportunidades. *Econ. Apl.* 11(4), Out./Dez.

MORAES, M. A. F. D. et al. (2015). Socio-economic impacts of brazilian sugar cane industry. *Environmental development*. v. 16, p. 31-43, dez.

MOURA, L. B. A. et al. (2009). Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável. *Revista saúde pública*. 43(6): 944-53.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. (2003). *Tabagismo & saúde nos países em desenvolvimento*.

ORLANDI, E. P.(2005). *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes.

RIBEIRO, H.; FICARELLI, T. R. A. (2010). Queimadas nos canaviais e perspectivas dos cortadores de cana-de-açúcar em Macatuba, São Paulo. *Saúde sociedade*. São Paulo, 19(1): 48-63.

ROCHA, F. L. R. (2007). *Análise dos fatores de risco do corte manual e*

*mecanizado da cana-de-açúcar no Brasil segundo o referencial da promoção de saúde*. Tese apresentada a Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, São Paulo.

ROCHA, F. L. R.; MARZIALI, M. H. P.; ROBAZZI, M. L. C. C.(2007). A pobreza como fator predisponente ao adoecimento de trabalhadores do corte da cana-de-açúcar. *Ver. Latino-americana de enfermagem*. v. 15, Set./Out.

SCOTT, J. W.(1991). *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: SOS Corpo.

SHUMAHER, S.; BRASIL, E. V.(2007). *Mulheres negras do Brasil*. Rio de janeiro: Senac Nacional.

SILVA, A. E. R. A. (2007). *Territorialização da Agroindústria Sucroalcooleira: O processo de reestruturação produtiva no campo e os trabalhadores da Fazenda Amália/SP*. Dissertação de Mestrado apresentada a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo

SOUSA E. L. L. e MACEDO I. C.(2010). *Etanol e Bioeletricidade: A cana-de-açúcar no futuro da matriz energética - Ribeirão Preto (Brazil), Washington (USA) eBrussels (Belgium)*. Luc Projetos de Comunicação Ltda.

TEIXEIRA, M. L. P.; FREITAS, R. M. V.(2003). *Acidentes do trabalho rural no interior paulista*. São Paulo *Perspec*. São Paulo, 17(2), Abr./Jun.

**Diálogos**  
POSSÍVEIS

*REVISTA DIÁLOGOS POSSÍVEIS*

**Editor:** Professor Doutor José Euclimar Xavier Menezes

Centro Universitário Social da Bahia (UNISBA)

Avenida Oceânica 2717, CEP – 40170-010  
Ondina, Salvador – Bahia.

**E-mail:** dialogos@unisba.edu.br

**Telefone:** 71- 4009-2840